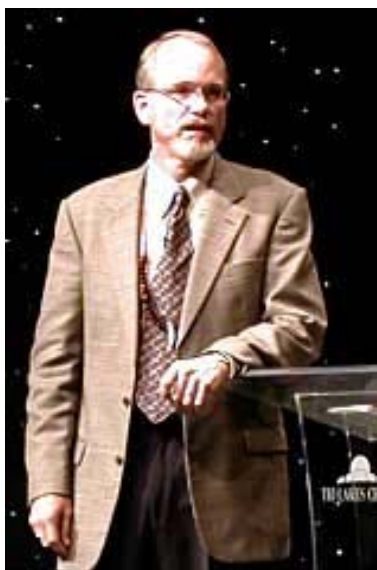


Uma Conversa com Steve Saint

Por Amor de Uma
Tribo ...

**Entrevista a Steve Saint
Extraída da *Decision*
Magazine, da Billy Graham
Evangelistic Association**



No dia 8 de Janeiro de 1956, cinco missionários no Equador, Jim Elliot, Pete Fleming, Ed McCully, Nate Saint e Roger Youderian, foram lanceados e mortos pelos Índios

Waadani (pronunciado uau-dani) num banco de areia num rio, na selva. Então com apenas 5 anos de idade, Steve, filho de Nate Saint continuou a ter contacto com os Waodani por meio da sua Tia Rachel (Saint) e de Elisabeth, mulher de Jim Elliot, que estabeleceram relações de amizade com a tribo e aprenderam a sua língua. Neste mês de Janeiro, 50 anos pós o martírio, o filme *End of the Spear (A Extremidade da Lança)* estreará nas salas de cinema nos EUA, relatando o histórico registo missionário na perspectiva de Steve Saint e dos Índios a quem ela agora chama família. Numa recente conversa com a revista *Decision*, Saint falou da tribo selvagem que Deus transformou por meio da tragédia e do filme que conta a história da sua redenção.

P: Quando os relatos noticiosos surgiram em 1956, os Índios eram referidos como os Auca. Porque é que agora eles são conhecidos como os Waodani?

R: "Auca" é uma palavra Quechua. Os Quechuas são uma grande tribo

que vive junto à fronteira do território Waodani. *Auca* tem a sua raiz na expressão "selvagem nu." Eu não uso essa palavra porque é depreciativa. Eles eram conhecidos como os *Auca* até as pessoas terem descoberto o seu verdadeiro nome.

P: Segundo os antropólogos, a tribo estava em perigo de extinção?

R: Os Waodani viviam basicamente pela regra de que se alguém faz algo de que não gostas, tu ignoras. Se não o podes ignorar, matas a pessoa. – com a compreensão de que a família daquele que mataste tem o direito e a responsabilidade de matar alguém na tua família ou matar toda a tua família. Há cinquenta anos, quando os Waodani eram provavelmente menos de 500 pessoas, estava a ser difícil aos jovens guerreiros encontrar raparigas que se ajustassem adequadamente a eles. Assim começaram a regressar cada vez mais ao que eles chamavam de casamentos bárbaros, pois matavam uma família para tomarem uma rapariga. Para eles isso era

considerado imoral, mas eles estavam desesperados. A violência escalou de tal modo que cada vez mais pessoas estavam a ser mortas. Por isso, eles estavam realmente em perigo de extinção.

P: O primeiro contacto com os Waodani foi antes do assassinio dos mártires, correcto?

R: O primeiro contacto com os Waodani foi em 1954. A minha Tia Rachel tinha encontrado uma jovem, Dayumae, que tinha fugido da tribo. A minha tia viveu com ela e aprendeu a língua do povo, esperando que Deus abrisse a porta para se contactar a tribo.

O meu pai, Roger, Pete, Ed e Jim tiveram um contacto amigável no dia 6 de Janeiro de 1956, um dia a que nós chamamos Sexta-feira Amigável. Antes disso, o meu pai voou com o seu avião em círculos apertados sobre a tribo tendo nele pendurada uma longa corda com um balde na extremidade, fazendo com que este estabilizasse podendo fazê-lo descer ao solo. Eles usavam este método para fazerem descer presentes para os Waodani, que entretanto

começaram a trocar presentes com eles. Isso continuou durante 13 semanas.

Esta interacção criou alguma amizade. Quando o meu pai e os seus amigos desembarcaram numa praia, esperavam que estas pessoas fossem ter com eles. Eles foram para lá numa Terça-feira, mas não houve qualquer sinal dos Waodani senão na Sexta-Feira seguinte de manhã, quando ouviram uma voz a chamar do outro lado do rio, e então duas mulheres e um jovem surgiram da floresta. Eles atravessaram o rio e passaram o dia com o meu pai e os seus amigos. Nós temos isso documentado porque os cinco tiraram fotografias e o meu pai filmou o acontecimento com uma câmara. O homem Waodani deu uma volta com o meu pai de avião.

O meu pai e Pete voavam todas as noites porque não queriam dar ocasião que o rio enchesse e arrastasse o avião. Os outros passavam a noite na casa que construíram sobre uma árvore estando assim mais seguros, se os Waodani decidissem atacar.

Ninguém voltou no Sábado. No Domingo, quando o meu pai voava,

viu um grupo Waodani. Ele falou via rádio com a minha mãe e disse-lhe: “Parece que os nossos vizinhos



Steve Saint visita os Waodani no Equador várias vezes por ano.

estarão aqui para o culto da tarde. Orem por nós. Voltarei a ligar às 4:30.”

O meu pai regressou aterrando na praia e disse aos seus companheiros que os Índios vinham a caminho, esperando que este fosse o começo de um contacto permanente. Mas sem o saberem, como resultado de animosidades no interior da tribo, os guerreiros tinham decidido que iriam matar os estrangeiros.

Steve Saint visita os Waodani no Equador várias vezes por ano.

P: Há quanto tempo vives com a tribo?

R: Eu relaciono-me com a tribo desde os meus 8/9 anos de idade. Eu fui viver com a minha Tia Rachel, a quem os Waodani

chamavam de "Estrela," durante as férias do Verão e Natal. Quando a minha Tia Rachel morreu, fui ter com eles e ajudei-os a sepultá-la. Eles disseram, "Decidimos agora que deverias voltar para viver connosco."

Eu não queria ir, mas eles insistiram. Apercebi-me que colocaria em risco o meu



Steve Saint tornou-se ele próprio um piloto para trabalhar com a tribo.

relacionamento com eles – eles não me pediam; estavam a dizer-me para vir. Assim a minha família e eu fomos viver com eles cerca de um ano e meio.

Depois voltámos aos Estados Unidos. Tenho continuado a ir ter com eles três, quatro vezes por ano, ajudando-os com material médico e ensinando-os a voar no

seu próprio avião. Eles queriam que eu ajudasse a ensinar outras pessoas como eles a fazerem estas coisas, por isso iniciámos uma organização chamada CETI (Centro de Educação e Tecnologia Indígena).

P: Quando foste viver com os Waodani, alguma vez te sentiste ameaçado por eles?

R: Senti-me muito confortável com a maioria dos guerreiros. Não me senti como alguém que iria ser alcançado por uma lança, mas sabia que precisava de ser cauteloso.

Mincaye foi quem me levou para a sua família. Recentemente li uma carta que a minha Tia Rachel escreveu à minha Mãe. Ela disse que Mincaye tinha vindo ter com ela dizendo-lhe, "Porque eu matei o pai dele, quero eu mesmo ensiná-lo a viver." No decorrer de todos estes anos Mincaye tem mantido este relacionamento especial comigo, que ele iniciou quando eu era miúdo.

P: Tens sido criticado pelas pessoas por tentares modernizar

a tribo ou mudares a sua cultura?

R: "Não estás a fazer o suficiente para trazê-los ao século vinte e um" é uma das críticas. "Devias deixá-los como estão" é outra. Eu só faço o que os Waodani me têm pedido para fazer. Eu gostaria que eles vivessem na sua velha cultura—sem os homicídios. Mas não me cabe a mim decidir. São as pessoas na cultura que têm de viver com as ramificações da mudança que devem decidir.

Com o filme, serei criticado por tentar capitalizar sobre os Waodani, apesar de eu não ter qualquer interesse financeiro. E alguns dirão, "É a mesma velha história missionária—arruinar a cultura." Eu não posso responder a todas as críticas.

P: Mas depois que a Rachel e a Elisabeth Elliot foram viver com a tribo, a taxa de homicídios diminuiu, não foi?

R: Noventa por cento dos homicídios cessaram quase que imediatamente. Há ainda algumas tensões entre eles e os Arunaidi—é a estes que os Waodani chamam

de Quechuas—mas há muito poucos homicídios entre eles.

P: Dirias que os Waodani estão efectivamente a disciplinar-se uns aos outros e a ensinar a



Mincaye, à esquerda, e Tementa, à direita, acompanharam Steve Saint ao encontro Amsterdam 2000.

Bíblia ao seu próprio povo?

R: Há muitos crentes fervorosos, mas a igreja como instituição realmente não funciona. As pessoas do exterior, numa atitude característica para com os povos indígenas, pensam que os Waodani não podem tratar dos seus próprios assuntos. Por isso têm estado a fazer as coisas que os Waodani deveriam fazer eles próprios. Como consequência, eles têm-se tornado tão dependentes que a sua igreja tem deixado de funcionar. Tenho passado 10 anos a encorajá-los a escolher anciãos para a liderança. Também procurei oportunidades para tentar encorajar delicadamente

os Norte Americanos a não serem tão manipuladores. O Apóstolo Paulo disse aos Coríntios, "Invoco, porém, a Deus por testemunha sobre a minha alma, que para vos poupar não tenho até agora ido a Corinto; não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vosso gozo; porque pela fé estais em pé" (Cf. 2 Coríntios 1:23-24).

para Mincayani. Eu não quis que eles usassem "Mincaye" para não o magoar. Sugerir "Mincayani" visto estarmos a usar um conjunto de caracteres do próprio nome Mincaye.

Quando vimos o filme juntos ele inclinou-se para mim e disse, "Olha, aquele é como eu", quando ele viu Louie Leonardo desempenhar o seu papel. Os Waodani não fazem de conta, por isso quando víamos outros programas eu dizia-lhe, "Isto é *onoki*," fazer de conta. Se alguém



P: O filme tem uma cena em que Mincaye te convida para tirares a sua vida em pagamento pela do teu pai. Isso aconteceu na vida real?

R: Não, essa cena foi necessária para destacar a reconciliação. Há aspectos dela que são reais. Foi por isso que eu pedi que no filme o nome de Mincaye fosse alterado

explodia eu dizia, "Mincaye, aquele indivíduo não explodiu mesmo. Eles apenas fizeram que parecesse que foi assim." Ele tentava compreender, mas não conseguia.

Por isso quando Mincaye disse, "Olha, aquele é como eu." Eu disse, "Sim, aquele é como tu, e vês aquele miúdo? É como eu." Depois, mais tarde, ele disse, "Quem representa aquele?" Eu disse, "Aquele é como o Kimo." Pela primeira vez este homem de 75

anos de idade estava a ver um filme e a dizer, “Oh, finalmente compreendo. Eles pretendem ser nós.”

Quando surgiu a cena da matança, eu estava nervoso. Eu orei, “Senhor, por favor não permitas que o Mincaye seja ferido com isto.” E mal o filme acabou, eu perguntei, “Mincaye, viste bem [aprovas]?” Ele olhou para mim, agarrou o meu braço com força, e disse “Eu vi muito, *muito* bem.” E não lhe coloquei mais questões.

P: Tu tens tido uma história de reconciliação durante um período de anos, mas não houve um momento específico de reconciliação?

R: Foi algo que se desenvolveu, mas penso que o ponto de reconciliação deu-se de facto com Mincaye e a minha Tia Rachel. No diário dela uma vez escreveu, “À noite, quando estava a dormir na rede ouvi um barulho. Alguém se aproximava no escuro.” Mincaye chamou-a e aproximou-se, querendo falar. Ele disse, “Tu disseste que Waengongi, o Criador, é muito forte.” A Tia Rachel disse, “Mincaye, Ele é muito forte. Ele fez tudo aqui, até a terra.”

Mincaye disse, “Tu disseste que Ele podia limpar o coração das pessoas. O meu coração está muito, muito sujo; Ele pode limpar mesmo o meu coração?” A Tia Rachel disse, “Sendo muito forte, Ele pode limpar mesmo o teu

coração.” Ela escreveu que Mincaye costumava levantar-se e sair, mas naquela manhã seguinte ele voltou excitado. Ele disse, “Estrela, o que disseste é verdade. Falei com Deus e Ele limpou o meu coração. Agora é *waatamo*, é muito claro como o céu quando está sem nuvens.” Este foi o verdadeiro começo da reconciliação.

P: Houve conversas ou incidentes significativos durante as filmagens?

R: Após a filmagem de uma cena, uma em que o meu pai é atingido por uma lança, um actor veio ter comigo e disse-me, “Steve, o que é o pecado?” Eu disse-lhe que os Waodani dizem que pecado é aquelas coisas que Deus vê bem nós *não fazermos* e aquelas coisas que Deus não vê bem *nós fazermos*. Ele foi um dos actores que quis encontrar os Waodani no seu próprio território. Ele disse-me, “Eu quero que digas aos Waodani que também eu tenho vivido mal, muito mal. Mas eu agora quero viver bem. Pedes aos Waodani que orem para que eu agora viva bem?”

O s W a o d a n i f i c a r a m excitadíssimos. Eles disseram, “Oh sim, isso é o que nós também dizemos. Nós dizemos, ‘Deus, ajuda-nos, nós queremos andar no Teu bom trilho.’” Assim, os Waodani oraram pelo actor, para que ele andasse no trilho de Deus e Deus

(Continuação da página 7)

limpasse o seu coração para ele poder ver o trilho, e uma vez tendo-o iniciado, não se desvie para outro.

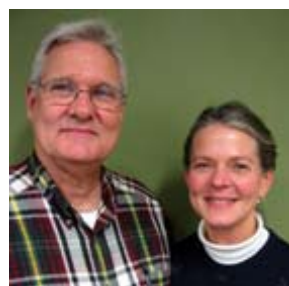
P: Qual a tua oração e esperança pelo filme?

R: A minha esperança é que as pessoas vejam um quadro convincente dos Seguidores de Deus mas não se distraiam por eles a ponto de não verem que todos nós temos nas nossas vidas relacionamentos trágicos, destruídos, e que Deus é o único que pode restaurar as coisas de formas incríveis. Se Mincaye e eu podemos ser amigos íntimos, sermos família, amarmo-nos mutuamente, e os meus filhos e os meus netos podem amar Mincaye e a sua família—se isso pode acontecer com uma relação trágica, que foi como começámos – então talvez tragamos às pessoas a esperança de que os seus relacionamentos tensos também podem ser reconciliados e, melhor ainda, Deus pode ser parte da resposta.

O filho de Steve Saint, neto de Nate Saint, Jesse, e a família dele, vivem presentemente com a tribo—um motivo para se orar



T- shirts pretas, da esquerda: Jamie Saint (neto de Nate Saint), Mincaye (assassino de Nate Saint e Ed McCully, convertido mais tarde a Cristo, agora um líder da igreja Waodani), Randy Alcorn, Steve Saint (filho de Nate Saint). **Os outros da esquerda:** Jay McCully, irmão de Ed, e os 3 filhos de Ed McCully. Steve McCully é o da direita.



Walt and Valerie Shepard, são casados e missionários actualmente na República Democrática do Congo. Valerie é a filha de Jim e Elisabeth Elliot.